

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA
www.comunhaolisboa.com

ANO 33

Nº 199

**NOVEMBRO - DEZEMBRO
2014**

Propriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão :	Índice	Página
	Editorial	2
Calçada do Tojal, 95, s/c	Palavras de Kardec	4
1500-592 Lisboa	Jesus e os samaritanos	7
Telefone : 217 647 441	Jesus	10
*	A voz que não cala	11
Director Responsável :	Dissertações à volta da	17
Manuela Vasconcelos	Indagação e resposta	22
*	Páginas do Passado	24
	A vontade de Deus	27
Tiragem : 150 exemplares	Confissão	30
	Natal	31
Distribuição Gratuita		
*		
Registo nº.211720		
Depósito Legal Nº. 13972		

*

EDITORIAL

Realmente, parece que foi ainda ontem que começou o dois mil e catorze e estamos quase, quase no seu final, pensando já no Natal e preparando as coisas, na nossa Casa, para mais uma vez comemorarmos o nascimento terreno do Divino Amigo – aquele Irmão Maior que desceu até à Terra para nos encaminhar para o Pai quando mais perdidos nos encontrávamos!

E de cada vez que pensamos no Natal e no nascimento do Menino vêm-nos sempre à mente os dois versos de um cântico do Padre Zezinho, que é também o refrão de uma das suas “cantigas”; é assim: “de repente apareceu Jesus – pouco a pouco se fez outra luz!”

Quando “olhamos” para trás, e observamos aquilo que os homens eram naquela época – o que nós já fomos! – sentimos sempre uma gratidão imensa por tudo o que recebemos de Deus através dos ensinamentos e exemplos do Seu Emissário... e quando mais preocupados nos sentimos com o comportamento humano, ainda hoje tão errado e egoísta, perguntamo-nos muitas vezes onde estaríamos ainda se aquele Filho – o Homem de Nazaré – não tivesse concordado em vir até nós para nos ajudar?!

E o Natal anuncia-se, chega, vai-se embora de novo... e são poucos os corações que o retêm no seu simbolismo, uns e outros mais preocupados naquilo que poderão comprar, vestir, usar, esbanjar(!) em nome daquela Criança que nasceu simples e humilde numa manjedoura para nos ensinar a sermos, também nós, simples e humildes ... e fraternos!

O Amor de Deus pelas suas criaturas firmado no Amor de Jesus por todos nós, é uma afirmativa constante de que não estamos sós; o abandono não existe d'Eles para nós... mas quantos de nós, na nossa inquietude e ingratidão, fugindo de Um e Outro, afirmamos para quem nos queira ouvir que fomos enjeitados?!

O tempo que corre, fazendo com que alguns de nós tenhamos perdido algumas das regalias a que nos tínhamos habituado, se, por um lado, nos diz que estamos mais pobres (ou menos ricos), por outro lado afirma-nos, às vezes até veementemente, que podemos ter perdido muitos dos bens materiais mas, com certeza, isso fez com que mais e mais nos aproximássemos de Deus, procurando-O e desejando aprender a amá-LO!

Depois de tantos natais perdidos, em comemorações materialistas, que o Natal que se aproxima seja, finalmente, um Natal em que o Convidado Principal seja aquele Irmão Maior que desceu um dia até nós para nos ajudar a erguer e subirmos até Ele!

Feliz Natal para todos!

A DIRECÇÃO



PALAVRAS DE KARDEC

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

(Continuação)

53 – Deste estado de coisas originou-se uma dupla corrente de ideias: umas, dirigindo-se das extremidades para o centro; as outras, encaminhando-se do centro para a circunferência. Desta maneira, a doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde derivou; os sistemas divergentes ruíram aos poucos, devido ao isolamento em que ficaram, diante da ascensão da opinião da maioria, na qual não encontraram simpática repercussão. Desde então, estabeleceu-se uma comunhão de ideias entre os diferentes centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se compreendem e simpatizam de um extremo a outro do mundo.

Os Espíritas sentiram-se assim mais fortes, lutaram com mais coragem, marcharam com um passo mais seguro, de vez que não se acharam mais insulados, por terem sentido um ponto de apoio, um liame a prende-los à grande família; os fenómenos de que foram testemunhas não mais lhe pareceram estranhos, anormais, contraditórios, pois puderam conjuga-los às leis gerais da harmonia, descobrindo de um golpe de vista todo o edifício e ver em todo esse conjunto uma finalidade elevada à humanitária.*

**Um testemunho significativo, tão notável quanto tocante, dessa comunhão de pensamentos que se estabelece entre os*

Espíritas pela conformidade das crenças, são os pedidos de orações que nos chegam dos países mais distantes, desde o Peru até as extremidades da Ásia, provenientes de pessoas de religiões e nacionalidades diversas, as quais nunca vimos. Não é o prelúdio da grande unificação que se prepara? A prova das raízes profundas que por toda a parte toma o Espiritismo?

*É notável que, de todos os grupos que se formaram com a intenção premeditada de estabelecer cisão com a proclamação de princípios divergentes, do mesmo modo que de todos quantos, apoiando-os em razões de amor próprio ou outras quaisquer, para não parecer que se submetem à lei comum, se consideraram fortes bastante para caminharem sozinhos, possuidores de luzes bastantes para não terem necessidade de conselhos, nenhum chegou a construir uma ideia que fosse preponderante e viável. Todos se extinguíram e vegetaram na sombra. Como poderia ser de outra forma, desde que, para se distinguir, ao invés de se esforçarem para proporcionar maior soma de satisfações, rejeitavam princípios da doutrina, precisamente aqueles que fazem dela o mais poderoso atractivo, o que ela tem de mais consolador, de mais encorajador e de mais racional? Tivessem eles compreendido o poder dos elementos morais que constituíram a sua unidade, não se teriam acalentado numa ilusão quimérica. Porém, tomando o seu pequeno círculo pelo universo, não viram em seus aderentes senão uma camarilha que pudesse facilmente ser derrubada por outra contrária. Era equivocar-se de modo estranho sobre os caracteres essenciais da doutrina, e esse erro nada podia trazer senão decepções; em vez de romper a unidade, romperam o laço que lhes poderia dar a força e a vida. (Ver **Revue Spirite**, Abril de 1866, pgs. 106 a 111: **O Espiritismo sem os Espíritos; o Espiritismo independente**).*

Mas, como saber se um princípio é ensinado em toda a parte, ou se não é o resultado de uma opinião individual? Os

grupos isolados, não podendo saber o que se dizia alhures, era necessário que um centro reunisse todas as instruções, para fazer uma espécie de apuro das vozes e levar ao conhecimento de todos a opinião da maioria.*

**Tal é o objecto das nossas publicações, que podem ser consideradas como o resultado desse trabalho de purificação. Todas as opiniões são ali discutidas, mas as questões não são erigidas em princípios, senão depois de haverem recebido a consagração de todos os pontos de comprovação, os quais são os únicos que lhes podem dar a força de lei, e permitir afirmações. Eis porque não preconizamos de modo superficial nenhuma doutrina, e é nisso exactamente que a doutrina, decorrendo do ensino geral, não é o produto de um sistema preconcebido; igualmente é isso que tem constituído sua força e assegura seu futuro.*

(Continua)

(In: A GÉNESE, 1º Capítulo, ed. Lake).

*

JESUS E OS SAMARITANOS

*“Não houve quem voltasse para dar
Glória senão este estrangeiro?”* – JESUS –
(Lcs., 17:18)

Na época em que Jesus Cristo desempenhou o seu sublime Messiado na Terra, os samaritanos eram equivalentes aos protestantes de hoje. Viviam em constante dissensão com os reis de Judá; arraigada aversão, que datava do cisma das dez tribos de Israel, perpetuou-se entre os dois povos, que evitavam recíprocas relações. Os samaritanos, para tornarem a cisão ainda mais profunda e não terem de ir a Jerusalém, para celebração das festas religiosas, construíram um templo próprio e passaram a adoptar algumas reformas : só admitiam o Pentateuco, que contém as leis de Moisés, e repeliam todos os livros posteriormente anexados.

Os judeus ortodoxos de Jerusalém prescreviam aos povos das demais divisões da Palestina a mais severa abstenção de qualquer contacto com os samaritanos e, estes, por sua vez, respondiam com a mesma intolerância, ao ponto de negarem hospedagem a Jesus, conforme deparamos em Lucas, (9:51-56).

O que pretendemos ressaltar nesta crónica é que o Mestre quis evidenciar aos escribas e fariseus, e principalmente aos olhos do povo em geral, que nem sempre o crente ortodoxo, que segue a religião oficial é o que cumpre da melhor forma a vontade de Deus.

Tanto os escribas como os fariseus tinham-se na conta de expoentes da verdade, julgando-se expressões máximas no cumprimento das leis moisaicas, orgulho esse que os levava a se

insurgirem contra toda e qualquer forma de inovação, ainda que vissem nelas evidentes sinais de superioridade sobre os princípios já arcaicos por eles esposados.

Nicodemos foi um dos doutores da lei que sentiu a supremacia dos ensinamentos de Jesus sobre aqueles sustentados pelos escribas, porém, não teve a intrepidez de propagar o que sentia, limitando-se, apenas, ao intuito de conformar o seu anseio de conhecer a verdade, a procurar o Cristo, na calada da noite, a fim de interpelá-IO sobre o problema do renascimento do Espírito, ou seja: sobre a lei da reencarnação.

Com vistas à necessidade de propiciar aos seus contemporâneos e pósteros um ensinamento sobre o verdadeiro sentido da adoração a Deus – o que não deve, necessariamente, ser feito neste ou naquele lugar, virado para o Oriente ou para o Ocidente, com vestes especiais ou com intermináveis orações -, Jesus procurou uma mulher samaritana, evidentemente porque pressentia que aquele povo, embora dissidente, talvez estivesse em condições mais maleáveis para compreender que *Deus é Espírito* e como tal *deve ser adorado pelos verdadeiros adoradores*.

Com o objectivo de ministrar belíssima lição sobre o conceito de amor ao próximo, o Mestre também tomou um samaritano como paradigma. Na *Parábola do Bom Samaritano*, deparamos com um sacerdote e um levita negando-se a prestar auxílio a um homem que havia sido assaltado e deixado moribundo à beira da estrada, o que foi feito sem restrições por um samaritano que por ali transitava.

Um terceiro exemplo é propiciado pelo Mestre: dez leprosos, dentre eles um samaritano, caminhavam por uma estrada. Em dado momento defrontaram-se com Jesus que, condoendo-se

intimamente da sorte daqueles infelizes, os curou, ordenando-lhes que se apresentassem aos sacerdotes, imposição normal na época, a fim de serem reintegrados no convívio da sociedade.

Os dez leprosos saíram, viram que estavam curados... Após alguns passos, um deles, um samaritano, voltou, ajoelhou-se aos pés de Jesus e com o rosto em terra agradecer, em alta voz, aquele inestimável benefício recebido. O Mestre, surpreendendo-Se, exclamou: - Não foram dez os limpos? Onde estão os outros nove? Não houve quem voltasse para dar glória a Deus senão este estrangeiro?

O Mestre, procedendo desta forma, deu edificantes lições àqueles que se encastelam na intolerância e julgam poder vedar o acesso dos Céus aos que discordam dos ensinamentos de sua religião, pretendendo ainda, presunçosamente, dispor sobre as coisas divinas na Terra. Com o fito de dar exemplos vivos de como adorar a Deus, exercer o amor ao próximo e agradecer pelos benefícios recebidos, o Cristo foi buscar pessoas consideradas *hereges* e *apóstatas* pela religião majoritária e dominante, dando com isso, inequívoca demonstração de que Deus vê os corações e as virtudes que exornam os homens e não os aparatos exteriores dos quais se revestem.

Os samaritanos, apesar de serem considerados dissidentes e eivados de apostasia, foram aqueles tomados por Jesus Cristo para a demonstração viva de alguns dos seus mais edificantes ensinamentos.

PAULO ALVES GODOY

(In: CRÓNICAS EVANGÉLICAS, 4ª ed. São Paulo, FEESP, 2001, p.p 233-236, por gentileza de Rogério Coelho, Mauriaé, Br.)

J E S U S

Senhor da Vida!
Quisera ter a métrica mais perfeita
E a rima mais rica
Para louvar-Te e enaltecer-Te!
Porém, impede-me o apoucamento mental
Minha incapacidade de compreender
Toda a extensão de Tua infinita Grandeza,
Toda a sublimidade de Tua Alma Radiosa!
Tuas pegadas, umidificadas
Por Tuas lágrimas e Teu sangue
Vertidos por incomensurável amor à Humanidade,
Marcaram com cerúlea luz
O escuro chão terrestre,
Apontando-nos o nadir do porvir,
O alcandorado roteiro de luminoso futuro...
Dois mil anos são passados
Desde o dia singular em que brilhou
Na escura noite terrestre
O foco da Luz Divina
Nas terras de Zebulom e Naftali.
Quando, enfim, Senhor,
A Humanidade comprometida
Por um passado tenebroso de crimes e escarcéus
Irá compreender-Te e seguir-Te
Nos caminhos que levam aos Céus?
Até quando terás de sofrer-nos?
Tem paciência connosco, Senhor!...
Os que somos tardos no entendimento,
Os que temos ouvidos moucos
Para teu Verbo luminescente.

Porque são tão poucos
Os que têm olhos de ver?
Auxilia-nos a colocar nossos passos
Claudicantes ainda,
Sobre Tuas pegadas,
Ajudando-nos, como Cireneu Divino
A levar a nossa cruz,
Renunciar a nós mesmos
E seguir-Te no rumo da Eterna Luz!...

ROGÉRIO COELHO
(Mauriaé – MG – Brasil)

*

A VOZ QUE NÃO CALA

O que é a Verdade? Segundo as tradições do Evangelho, esta pergunta teria sido dirigida a Jesus por Pilatos, no infame processo que culminou com a tragédia do Gólgota. Na ocasião, Jesus teria respondido com um incomodo silêncio para o inquiridor, um silêncio ensurdecidor que até hoje repercute em nossas consciências, como uma voz que não quer se calar.

Estaria Pilatos pronto para ouvir a resposta de Jesus, há cerca de dois mil anos? E nós, que nos designamos cristãos, estaríamos prontos para ouvir a resposta do Mestre, hoje, em pleno século 21? Eis uma questão interessante e que merece reflexão.

Na famosa prédica de Jesus, imortalizada no “Sermão da Montanha”, em especial nas chamadas bem-aventuranças¹, encontramos a essência dos ensinamentos morais do Messias divino, cuja beleza e força arrebatadoras fizeram com que Mahatma Gandhi o considerasse como património espiritual imperecível da humanidade.

Todavia, a imbatível mensagem permaneceu envolta em enigmas até ser definitivamente desvelada pelo Espiritismo, o Consolador prometido, que nos dá a *chave completa*² para apreendermos o verdadeiro sentido das palavras do Messias que, na voz do Espírito de Verdade, clarina:

*(...) são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos*³.

Mas, o que representa o Sermão da Montanha? Huberto Rohden classifica-o como “a plataforma do Reino de Deus”⁴, isto é, um programa de trabalho específico para a edificação da ética humana na Terra. Pastorino vai mais longe ainda: indica-o como “um dos mais perfeitos, elevados e completos cursos de iniciação profunda”, que, se vivido integralmente, levar-nos-à “à libertação total dos ciclos reencarnatórios”⁵.

Mais do que esperanças e consolações, o Sermão do Monte reúne um conjunto de instruções destinado ao Espírito imortal, um roteiro infalível para a auto-realização, que se alcança pela prática das virtudes de supremo valor psicológico que encerra.

Na primeira bem-aventurança, em que são exaltados os “pobres de espírito” (não os desprovidos de inteligência), encontramos a virtude da humildade, situação em que o discípulo

permanece aberto ao aprendizado, pois, iniciado no auto-conhecimento, tem ciência perfeita de suas necessidades evolutivas. Como prêmio pelo cultivo da humildade que, como as demais virtudes, se desenvolve em conjunto com as outras qualidades previstas na mesma mensagem, o aprendiz encontrará o “reino dos céus”, símbolo da plena satisfação da consciência.

Na segunda bem-aventurança, os aflitos serão consolados, desde que sejam resignados (não meramente conformados) ante as provas e expiações a que estão sujeitos, em virtude da lei de causa e efeito, inteirados de que a felicidade ainda não é deste mundo.

Fostes na virtude da resignação, os aflitos entenderão as diferenças de “destinos” entre as pessoas, conscientes de que ninguém sofre sem uma causa justa. Encontrarão lenitivo para suas dores, ao mesmo tempo em que, pela prática do bem, mitigarão as consequências dos desatinos de ontem, tornando-se artífices do próprio futuro.

A terceira bem-aventurança reserva aos mansos, que agem com brandura, ternura, afabilidade e moderação, o auto-controle emocional, vacinando-os contra os desequilíbrios e a irritabilidade, que os livrarão de serem exilados para orbes inferiores, conquistando assim a oportunidade de permanecer habitando a Terra, onde desfrutarão a honra e a oportunidade de construir o mundo de regeneração, agora em condições mais favoráveis, a ser erigido com o próprio esforço, de reencarnação em reencarnação.

A quarta bem-aventurança saciará a fome e a sede de justiça para sempre, isto é, a sede de amor que nos guia em direção ao próximo, sob o signo de que “todos os homens são iguais perante Deus”⁶, com o que estarão ajudando a gravar, para sempre, com “letras de ouro”, nos códigos humanos, um novo e

único paradigma, idealizado no princípio insculpido na Constituição divina, base de toda a justiça, segundo a lei natural, que se resume em “fazermos aos outros o que gostaríamos que os outros nos fizessem”⁷.

A quinta bem-aventurança não olvidará os misericordiosos, por cultivarem os atributos da caridade, pela vontade de fazerem o bem, pela indulgência, dos que se esforçam em compreender e auxiliar o agressor, sem cumplicidade com o erro, porque naquele não veem maldade, mas apenas ignorância e infantilidade, e pelo perdão às ofensas, num esforço permanente de se doarem sempre mais, na certeza de que, na mesma intensidade em que forem misericordiosos, também receberão misericórdia, convictos de que a sentença “atire-lhe a primeira pedra aquele que estiver sem pecado” faz da indulgência um dever, “pois não há quem dela não necessite para si mesmo”⁸.

A sexta bem-aventurança destina a perfeição aos limpos de coração (ou seja, àqueles que, na sucessão das encarnações, se esforçarem sinceramente em domar as suas más tendências), estado que lhes franqueará o acesso aos planos espirituais elevados, resultado da profunda transformação moral que finalmente os alçará à condição de Espíritos puros⁹, virtude essa que exclui toda a ideia de egoísmo e de orgulho. Esta bem-aventurança, sentida e vivida, fornecerá a compreensão integral da razão da existência, abrindo os olhos da alma e do sentimento com relação à divindade.

Na sétima bem-aventurança estão os pacificadores, aqueles que realizam a paz, os quais terão como galardão a insígnia “filhos de Deus”. Filhos de Deus todos somos – bons, maus ou remediados -, mas somente serão dignos desse posto os que se tornarem mediadores da paz, autênticas “cartas vivas” do

Evangelho, missão sublime que os guindará à condição de embaixadores do Criador perante os homens.

Finalmente, Jesus também promete o reino dos céus, signo da felicidade interior sem jaça (a mesma reservada aos humildes, na primeira bem-aventurança), aos que forem perseguidos e injuriados por causa dele e da justiça, recompensa destinada aos que cultivarem a coragem, confiança e perseverança, em decorrência das pedradas e perseguições que certamente receberão por ousar seguir as lições do Mestre, saindo da zona de conforto a que estão habituados para enfrentar os desafios das mudanças.

Nesse afanoso labor, os perseguidos jamais esquecerão que Jesus e tantos outros emissários por Ele enviados ao palco terreno não fugiram ao testemunho ante as perseguições, que, muitas vezes, lhes custaram a própria vida.

Compreenderão, por fim, que “*a perseguição é o batismo de toda ideia nova, grande e justa e cresce com a magnitude e a importância da ideia*”¹⁰, estimulados pela incisiva mensagem dos benfeitores:

*Espíritas, não vos aflijais com os golpes que vos firam, pois eles provam que estais com a verdade.*¹⁰

Em suma, para suportar a verdade que não cala, simbolizada na voz que ecoa da montanha de nossas consciências, precisamos aprender a servir a Deus, servindo ao próximo, perseverando até o fim, com o que então seremos “salvos”, isto é, libertos das imperfeições que nos prendem à rectguarda.

Referências:

1 MATEUS, 5: 3 a 11.

2 KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2ª ed. 1. Imp. Brasília: FEB, 2013. *Introdução*, p. 14; cap. 1, it. 5 e 9, p. 39 e 42 respectivamente.

3 ____, ____, *Prefácio*, p. 11.

4 ROHDEN, Huberto. *O sermão da montanha*. 18. Ed. São Paulo: Martin Claret, 2002. *Prólogo*, p. 13.

5 PASTORINO, Carlos T. *Sabedoria do Evangelho*. Rio de Janeiro: Grupo Editorial Spiritus, 1965. V. 2, p. 117-118.

6 KARDEC Allan . *O Livro dos Espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 4. Ed. 1. Imp. Brasília: FEB, 2013, cap. 11, subit., P. 147.

7 ____. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. Ed. 1. Imp. Brasília: FEB, 2013. Cap. 11, subit., p. 147.

8 ____, ____. Cap. 10, it. 13, p. 139.

9 ____, *O Livro dos Espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. Ed. 1. Imp. Brasília: FEB, 2013. Q. 170.

10 ____. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. Ed. 1. Imp. Brasília: FEB, 2013. Cap. 28, it. 3, subit. 51, p. 355.

CRISTIANO TORCHI

(In: Revista Espírita Brasileira o REFORMADOR, da FEB, Junho de 2014).



DISSERTAÇÕES À VOLTA da LEI DE DEUS

Quando nos debruçamos sobre Deus e os Seus atributos põem-se-nos uma série de questões sobre as quais não iremos, talvez, dissertar mas, antes, meditar.

Moisés, o israelita criado num palácio como um príncipe, ombreando diariamente com o filho do Faraó e sendo educado pela princesa que o recolheu das águas, já homem comete um crime: mata um guarda; foge para o deserto onde, olhando uma sarça que arde sem se consumir, lhe é revelada a sua missão: libertar o povo israelita, escravo dos egípcios, e levá-lo de regresso à sua pátria – a terra da promessa!

E Moisés volta ao Egipto e ao palácio, defende a sua própria causa e pede a libertação do seu povo – depois de se declarar judeu. Todas as calamidades que acontecem, a provocar a saída do país, têm os seus efeitos mediúnicos que não vamos aqui referir... Moisés era médium e só porque o era ele via e operava todos os fenómenos de que a Bíblia nos dá conta.

Quando a última calamidade acontece – a morte do primogénito, filho do príncipe com quem crescera, brincara e estudara – este concede-lhe finalmente a liberdade do povo por quem lutara e ele apresta-se a que saiam todos do país antes que uma contra-ordem os obrigue a voltar para trás. São perseguidos pelo próprio faraó mas, segundo “reza a História” as águas do mar abrem-se a facultar-lhes a passagem, cerrando-se de imediato para afogar todos os perseguidores...

E Moisés dirige os seus seguidores para o deserto, que vai percorrendo dia após dia, durante quarenta anos... É necessário que aqueles homens, que ao longo dos tempos e durante a escravidão criaram para si próprios os vícios que carregavam agora a caminho da liberdade, fossem desencarnando para que os mais novos não se perdessem, aprendendo com eles tudo o que não deviam...

Nesses quarenta anos, aproveitando os escribas que faziam parte do imenso grupo, ele ordenou que os mesmos registassem todos os factos de que os mais velhos se recordavam, para que os assuntos importantes não se perdessem nas sombras do Tempo...

Ele fala ao povo do Deus único, o Senhor com quem fala e que os criou a todos... e vai encaminhando os homens para o sopé do Sinai para onde recebeu ordem de subir para receber do Senhor as tábuas da Lei!

Ao longo dos tempos, habituámo-nos a ouvir e dizer que o profeta recebeu às tábuas da Lei directamente de Deus, o que não é verdade. Voltando, ainda agora, ao raciocínio a que a Doutrina Espírita nos habituou concluímos que Moisés, com todas as suas imperfeições, não podia falar com Deus: o intermédio entre Deus e Moisés foi Jesus, médium directo de Deus!

... E Jesus transmite-lhe a Lei do Senhor.

Mas o profeta demorou-se demasiado tempo no alto do monte, a grafar os mandamentos que compõem a Lei e, quando volta para baixo, para o sopé da montanha e para o povo, tem uma decepção tremenda – tão grande que atira com as tábuas – as pedras onde escrevera a Lei do Senhor – para o chão, e elas partem-se!

A indignação do profeta está relacionada com o que ele encontrou: o povo, cansado de esperar o seu regresso e aborrecido com a inactividade forçada que vivera durante essa mesma espera, juntara todas as jóias, moedas, pratas e ouros que guardava ainda, do rescaldo da saída do Egipto, e construíra um bezerro de ouro, que adorava enquanto se entregava a verdadeiras orgias!

Moisés destrói o ídolo tão contrário àquilo que ensinara para todos – a adoração ao Deus único – ordena comedimento e volta ao alto do monte para, de novo, grafar os mandamentos da Lei de Deus... cujos dez mandamentos se podem resumir apenas em dois, porquanto quem tiver a preocupação de vivenciar o segundo está cumprindo com os restantes oito...

Mas o primeiro mandamento... *Amar a Deus sobre todas as coisas* ... Teria Deus a necessidade de fazer do nosso amor por Ele um mandamento? Não seria mais lógico e racional que o nosso amor por Ele fosse espontâneo para ter, realmente, valor?

Debruçamo-nos sobre este “amar a Deus sobre todas as coisas” e perguntamo-nos do porquê desta determinação. Seria o Deus daquela época tão exigente (como nalguns episódios de que tomamos nota no Antigo Testamento) que queria a adoração absoluta e total de todos? Não estava este mandamento em contradição com os seus próprios atributos, hoje conhecidos por todos nós?

Pois... mas naquela época, não! Naquela época, os homens estavam a aprender a pôr de parte a adoração aos deuses para abrirem os seus corações e a sua fé apenas para um; estavam a escutar que só havia um Deus; estavam a debruçar-se sobre a afirmativa de uns e outros – os que tinham conhecimento das

coisas divinas – e lhes garantiam que tínhamos sido todos criados por esse mesmo Deus, que era Pai, que criara os céus e a Terra e do qual todas as coisas vinham... Então, a determinação de amar a Deus sobre todas as coisas era, naquela época, a conclusão correcta para os ensinamentos que o povo estava a aprender... Não era Deus que era exigente: a exigência estava em fazer que todos compreendessem que o próprio sol e a lua, a terra e o fogo, a chuva e o raio não eram deuses mas criações divinas, que o Senhor mandava para os homens quando muito bem entendia! Ele era o mais poderoso, aquele que destruía, quando necessário, todos os ídolos que, até à época, eram adorados e reverenciados pelos homens!

De resto, como Jesus mais tarde o afirmou quando entre nós, o Pai ama-nos de tal maneira *que faz brilhar o sol sobre bons e maus e faz chover sobre os justos e injustos* – Mts., V, pelo que Ele não tinha que exigir o nosso amor: o d'Ele superava e supera o de todos nós. É tão intenso que, mesmo quando nós o rejeitamos Ele não desiste de nós!

Amar a Deus sobre todas as coisas significava, afinal, a confirmação do monoteísmo que o profeta começara a ensinar, mal deixaram o Egipto!

O segundo mandamento é lógico e racional: se fomos todos criados por Deus, se Ele é Pai, somos todos irmãos e os irmãos devem amar-se, não odiar-se; os irmãos devem ser tolerantes e compreensivos em vez de fomentarem a guerra, uns contra os outros; os irmãos devem respeitar-se mesmo quando o amor entre eles seja difícil! Os irmãos, quer vivam em clãs, que depois evoluíram para agrupamentos maiores, que hoje formam toda a sociedade onde uns e outros estamos inseridos, os irmãos devem aprender a conviverem uns com outros... e não uns contra os

outros! Analisada, ainda, a desencarnação e o nosso regresso ao mundo espiritual, ao qual todos pertencemos – a nossa verdadeira pátria – a desarmonia que vivermos quando encarnados refletir-se-à, depois, quando espíritos libertos, nas perseguições e ‘cobranças’ que realizamos como seres imperfeitos que somos.

E ainda aqui, a preocupação de Jesus recomendando o perdão; recomendando que ao fazermos a nossa oferta ao Senhor, se tivermos alguma queixa contra o nosso irmão, pousarmos a nossa oferta; irmo-nos entender com ele e, depois, então, fazermos a oferta... sem nos esquecermos de nos consertarmos sem demora com o nosso adversário enquanto estamos a caminho com ele... sem deixarmos de oferecer a outra face, quando nos baterem na direita! Perdão! Perdão! Perdão! Porquê? Então a Lei de Deus não bastara para nos ensinar o caminho?...

Deveria ter, mas... os homens de então eram tão imperfeitos que sempre tentavam fugir-lhe e Moisés, ainda o mesmo Moisés, teve de instituir a lei civil para que a do Senhor fosse cumprida... e a lei civil criou ódios, fanatismos, ressentimentos... que duram até hoje apesar do Divino Amigo nos ter afirmado que vinha dar cumprimento a essa mesma Lei... pelo Amor! Não mais pelo medo, não mais pelo ódio, não mais pelo interesse comezinho e passageiro!

Jesus ensinou, exemplificou... e depois partiu, dando a sua vida por amor de todos nós!

E a lei, perguntamos? Ainda existe? Ainda... está em vigor? A Lei está gravada na nossa própria consciência e, sejamos ignorantes e mais evoluídos, a todo o momento ela nos adverte de como devemos agir, o que devemos fazer! (Pergunta 621 de O Livro dos Espíritos)... *E amar a Deus sobre todas as coisas* é o

que hoje o Homem faz conscienciosamente, depois de despertar para Ele e n'Ele reconhecendo a Misericórdia e Amor Infinitos, Justiça imparcial... e de concluir que, afinal, pela Sua criação, existe em cada um de nós uma partícula divina... e o amor, o próprio Amor é, igualmente de essência Divina!

MANUELA VASCONCELOS

*

INDAGAÇÃO E RESPOSTA

Possivelmente, você também será daqueles companheiros do mundo físico que indagam pela razão dos mentores desencarnados transmitirem tantas mensagens de essência filosófica, mormente baseadas nos ensinamentos do Cristo.

Responderemos que uma pergunta dessas equivale à inquisição que alguém formulasse sobre o motivo de tantas escolas para os que vivem na Terra.

A verdade é que todos os irmãos do Plano Físico queiram ou não, acreditem ou não, virão ter conosco, mais hoje ou mais depois de amanhã, e cabe-nos diminuir o trabalho que, porventura, nos venham a impor, ao abordarem o nosso campo de vivência espiritual, já que somos todos uma só família, perante Deus.

Examinem vocês algumas das perguntas que nos são desfechadas, com absoluta sinceridade, por milhares de

companheiros, assim que se conscientizam quanto à própria desencarnação.

Onde se localiza o céu dos bem-aventurados? Onde residem os anjos?

Porque Deus em pessoa não se dispôs a vir recebê-los? Porque Jesus lhes foge à visão, se viveram orando e confiando no Divino Mestre?

Porque sofreram tanto? Porque não conseguem conversar imediatamente com os familiares que ficaram à distância?

Porque são convidados a trabalhar se tanto esperaram pelo descanso? Porque não foram avisados sobre o dia da volta à Verdadeira Vida?

Porque não conseguem alterar os testamentos que deixaram no mundo?

Em que lugar estarão os infernos? Onde estão encravados os purgatórios?

Como será o repouso que lhes será concedido se não enxergam amigo algum que não seja em trabalho árduo?

Porque as entidades angélicas não lhes dispensam as atenções de que se julgam merecedores?

Para resumir, dir-lhes-ei que, há dias, um amigo nosso, devotado obreiro do Bem na Espiritualidade, foi questionado por um irmão vindo da Terra, dentre aqueles que lhe recebiam directrizes, sobre o melhor meio pelo qual conseguiria enxergar

alguns demónios... Com o melhor humor, o companheiro apenas respondeu: - Meu filho, lamento muito mas não tenho aqui um espelho para nós dois!

ANDRÉ LUIZ

(In ENDEREÇOS DA PAZ, psicografia de Francisco C. Xavier).

PÁGINAS DO PASSADO

OS CAMINHOS DO ESPÍRITO

Os caminhos do espírito não são somente muitas vezes desconcertantes. São também difíceis e até perigosos algumas vezes.

Quem por eles se aventura, ou uma vez neles entrou, é como se uma nova vida diante dos seus olhos se abrisse, de tal modo que tudo principia a ter, daí por diante, um aspecto, uma côr e um sabor diferente daquele que, até então, tinham.

Mas o que é certo é que poucos são os espíritos que tenham empreendido esta viagem dos caminhos do espírito, não obstante tantos e tão variados eles serem e de tantos modos poderem ser seguidos. O espírito é, por sua natureza, ilimitado, mas vivendo nós no reino da limitação, da estreiteza e da necessidade, não podemos apreender com facilidade nem a significação do espírito, nem o conjunto de questões que diante de nós surgiriam, ao seu contacto. Somos, portanto, na nossa maioria, os arredados da vida e dos caminhos do espírito, pelo muito, pelo demasiado que envolvidos e preocupados andamos com outras questões que nos

absorvem o melhor de tantas energias que, tantas vezes como tão inutilmente dispendemos.

É assim que a nossa ciência, não obstante o imenso arsenal e todos os complicados apetrechos de que se acha rodeada, bem poucos ou nenhuns progressos de facto tem feito nos domínios do espírito e, o que é mais e bem para lastimar é que a chamada ciência oficial ri com ignorância irónica daquilo a que há muito teria dado já pelo assentimento, se por ventura não tivesse limitado e estreitado em demasia o âmbito da sua actividade e das suas especulações.

Por este motivo, jaz para nós incompreendida e ignorada uma imensa e riquíssima literatura, tanto do passado como do presente, qual seja a literatura dos povos orientais e da superior vida espiritual e elevado grau de mentalidade a que têm subido os seus representantes. Vivemos agarrados à velha tradição grega e essa mesma sabe Deus quantas vezes mal interpretada e pouco conhecida nas suas origens e nas suas fontes, de tal maneira que a nossa Europa tem permanecido de longa data até ao presente um verdadeiro livro fechado sobre a ciência e filosofia oriental, principalmente dessa vastíssima e maravilhosa judia, da qual Roman Rolland afirma ter sido nela que todos os sonhos dos viventes têm tido lugar, desde os primeiros dias em que o homem principiou o sonho da existência.

Nesta ausência de cultura espiritual e em presença de uma religiosidade camuflada de cinismo e de preconceitos, tem a nossa actividade moral e intelectual sido altamente danificada e prejudicada, chegando-se ao ponto de se criar uma brilhante civilização de ordem material, mas da qual o espírito anda quase em extremo ausente e ignorado.

E quando aqui ou além principia a falar-se de coisas novas, de ideias até agora desconhecidas ou de fenómenos e actividades mais que confirmadas, é com relutância e principalmente com um enorme medo que delas se ouve falar e se taxam de visionários e de loucos aqueles que, quebrando o ritmo da pasmacisse e da insensatez saem a terreiro com a força dos factos e evidência das demonstrações.

É assim que nós, reinando sobre um mundo, que em larga escala em nossos dias se nos apresenta como um campo de ruínas, dominado por uma ordem brutal e fictícia, não podemos de modo algum encontrar-nos satisfeitos, ao mesmo tempo que a fé, a razão e as crenças do Ocidente, todas igualmente tirânicas mutuamente se negam e excluem.

É uma razão a mais para que os caminhos do espírito sejam retomados e para que o exclusivismo intolerante e intransigente ceda lugar a um humanismo integral, amplo e ilimitado, onde o espírito encontre ambiente acomodado ao livre desenvolvimento das altas virtudes e dos eternos princípios da razão, do amor e da justiça, ao lado de uma cultura humana não truncada e aberta a todas as correntes do mundo.

A muitos apavora uma tal e tão grandiosa perspectiva, que não é com medo que se trabalha para o futuro. Abandone-se o orgulho da ciência feita e então se dará ingresso no caminho da sabedoria, a fim de que aos ouvidos não exercitados se revele o conhecimento da hierarquia secreta e a grande ordem oculta.

DR. CAMILO PAIS

(In Revista ALÉM, da Sociedade Portuense de Estudos Psíquicos, Janeiro e Fevereiro de 1938).

A VONTADE DE DEUS

A chuva caiu forte. Todo o povoado comentava que era a vontade de Deus.

E como de outras vezes já ocorrera, o enorme tronco de uma figueira atravessou-se na estrada, despencando do morro, e deixou totalmente isolada aquela comunidade.

Pedras se deslocaram, rolando morro abaixo. A enxurrada varria as ruas, com violência.

Enquanto cada um lamentava e entrava em sua casa para racionar a comida para os próximos dias, o menino da casa de flores amarelas saiu em disparada para o meio do mato.

Não lhe importava a chuva que continuava caindo, embora menos intensa. Habitualmente, era ali, debaixo da copa das árvores, que ele dialogava com seu anjo, da mesma forma que o fazia à noite, em suas orações, antes de dormir.

Meio sem jeito, Pedro perguntou o motivo daquela chuva, daquele tronco, tudo de novo, como de outras vezes passadas. Seus pais estavam cansados daquilo, seus amigos também.

Mas o anjo confirmou: - Foi Deus mesmo, quem mandou a chuva.

Aquilo incomodou o garoto. Ele saiu dali e foi em direção ao tronco. Atirou-se na lama e pôs-se a empurrar a enorme figueira tombada.

Os mais velhos esbravejavam, cada um em sua porta. E diziam da inutilidade daquilo. O anjo ficou à frente do seu pupilo e o incentivou: Você consegue. Não pare. Continue.

Com os braços tremendo e as mãos arranhadas, alguns minutos depois, Pedro olhou para o lado. Todas as crianças da vila haviam-se juntado a ele e empurravam.

Enquanto faziam força, riam dos seus escorregões, da lama em seus corpos, da cara suja. E brincavam, deixando que a chuva lhes lavasse as manchas da roupa. Empenhavam-se como irmãos.

Com o insucesso de retirar os filhos do tronco deitado, as mães e as avós resolveram participar da fantasia dos meninos. Logo, os homens se mobilizaram.

Largaram os copos de café, que esquentavam os seus corpos, e colocaram-se à disposição do que consideravam uma causa perdida, uns em respeito às suas esposas, outros pelos seus filhos.

Depois de muito esforço, conseguiram deslocar a figueira para o lado. O caminho estava livre.

A seguir, providenciaram a retirada das grandes pedras do meio das ruas.

Aqueles momentos conectaram para sempre aquela gente. As faltas foram perdoadas, as desculpas foram aceites.

Eram todos companheiros, empenhados num único propósito.

A discórdia deu lugar à união, o desespero à esperança, a tristeza à alegria, as trevas à luz e a dúvida à fé.

Finalmente, a comunidade havia entendido a vontade de Deus. Ele mandara a chuva, que desencadeara o episódio da derrubada da figueira e o deslocamento das grandes pedras.

Contudo, a união de todos, o esforço conjugado, resolvera a dificuldade.

Pedro descansava na lama, agora, enquanto sentia o afago de seus pais.

E todos haviam aprendido que o êxito é uma bênção de forças conjugadas da natureza, enquanto a força é acto, que significa compromisso no bem ou no mal, é a palavra que edifica ou destrói.

A oportunidade é a nossa porta de luz, no sagrado momento que passa.

(In: REDACÇÃO DO MOMENTO ESPÍRITA, com base no artigo ‘A vontade de Deus’ e ‘A Figueira do Caminho’, da Revista Cultura Espírita, de Janeiro de 2014 do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, Rio de Janeiro. O conto foi-nos enviado por irmão amigo, via internet).

*

CONFISSÃO

Procurei-Te, na escuridão dos caminhos...
Eu era o viajante sedento
De uma sombra, de água, de alento,
Quase tombado no caminhar
Que ao oásis intenta chegar!
E Tu... no Teu Mistério que não entendo
Acenavas, quase não movendo
A mão que, de longe, estendias,
Enquanto me sorrias!
E foi assim... dia após dia!
Atravessei o mundo, procurando
A paz que não estava lá! Viajando,
Fui perdendo energias...
E Tu sorrias!
Agora, não quero mais honrarias
Nem posições de destaque. Sou outro ser,
A quem a Vida deu nova razão de viver,
E a paz que quero é a da Alma,
Na noite dos anos, que prevejo calma...
... Procurei-Te, na escuridão dos caminhos
E afinal estiveste sempre tão perto!
E a minha solidão, o meu deserto,
Fui eu apenas que os construí
Quando de Ti fugi!
... Procuro-Te, finalmente, nas estrelas!
E o sopro do vento que passa brando,
Traz-me a Tua voz, num suplicando
De Amor que em vão busquei
E só agora achei!

Do encontro chegou a hora: para entregar-Te,
Apenas posso dar-Te um coração amargurado,
Tão cansado!,
E aceitar-Te nas palavras de amor que deixaste
E perduram para além do Tempo e da Luz
- Oh, doce Jesus!
“Vinde a Mim, vós outros que estais cansados...”
E eu vou, Senhor, eu vou!
... Eu vou, Senhor, com Amor!

MANUELA

*

N A T A L

*“Glória a Deus nas Alturas, paz na
Terra, e boa vontade para com os
Homens. – (LUCAS, 2:14)*

As legiões angélicas, junto à Manjedoura, anunciando o Grande Renovador, não apresentaram qualquer palavra de violência.

Glória a Deus no Universo Divino.

Paz na Terra.

Boa vontade para com os homens.

O Pai Supremo, legando a nova era de segurança e tranquilidade ao mundo, não declarava o Embaixador Celeste investido de poderes para ferir ou destruir.

Nem castigo ao rico avaro.

Nem punição ao pobre desesperado.

Nem desprezo aos fracos.

Nem condenação aos pecadores.

Nem hostilidade para com o fariseu orgulhoso.

Nem anátema contra o gentio inconsciente.

Derramava-se o Tesouro Divino, pelas mãos de Jesus, para o serviço da Boa-Vontade.

A justiça do “olho por olho” e do “dente por dente” encontrava, enfim, o Amor disposto à sublime renúncia até à cruz.

Homens e animais, assombrados ante a luz nascente na estrebaria, assinalaram júbilo inexprimível...

Daquela inolvidável momento em diante a Terra se renovaria.

O algoz seria digno de piedade.

O inimigo converter-se-ia em irmão transviado.

O criminoso passaria à condição de doente.

Em Roma, o povo gradativamente extinguiria a matança nos circos. Em Sídon, os escravos deixariam de ter os olhos vazados pela crueldade dos senhores. Em Jerusalém, os enfermos não mais seriam relegados ao abandono nos vales da imundície.

Jesus trazia consigo a mensagem da verdadeira fraternidade e, revelando-a, transitou vitorioso, do berço de palha ao madeiro sanguinolento.

Irmão, se ouves no Natal os ecos suaves do cântico milagroso dos anjos, recorda que o Mestre veio até nós para que nos amemos uns aos outros.

Natal! Boa Nova! Boa-Vontade!...

Estendamos a simpatia para com todos e comecemos a viver realmente com Jesus, sob os esplendores de um novo dia.

EMMANUEL

(In: FONTE VIVA, psicografia de Francisco C. Xavier, ed. FEB, cap. 180).